

Carta de Paula Nabuco a amigos do NIEP-Marx, em 12 de agosto de 2012

252

[...] Eu não tinha dúvidas de que deveria (e queria) voltar e do quanto isso seria importante para a minha pesquisa e meu aprendizado de chinês [...]. Na véspera do meu embarque, o André (que apesar deste nome é chinês), meu amigo querido, anfitrião (eu ficaria hospedada na casa dele) e intérprete da embaixada brasileira em Beijing, me escreveu pedindo uma consultoria muito inusitada. Os funcionários chineses queriam fazer greve e eles não sabiam como fazer e o André contava comigo para ajudar a organizar a greve e com meus conhecimentos da legislação trabalhista chinesa e brasileira. Pensei: “só comigo, estava toda triste que não iria fazer greve na universidade no Brasil e sou convidada para organizar greve de chinês”. Claro que me prontifiquei a ajudar, expliquei como a legislação trata a greve no Brasil e na China, o que seria uma assembleia, como organizar pauta de reivindicação e ficamos de conversar direito quando eu desembarcasse.

[...]

A localização e a história do lugar onde fica a casa do André merecem algumas linhas. O apartamento dele fica em um *hutong* ([...] antigos quarteirões chineses com ruelas apertadas e sinuosas onde ficavam aquelas casas lindas com pátios no meio) entre a estação ferroviária mais antiga da cidade e a avenida *Chan an*, que em português significa algo como “paz” ou “harmonia duradoura”. É a principal rua da cidade, passa entre a Cidade Proibida e a praça *Tiananmen*, cortando Beijing de leste a oeste. André mora de verdade no centro da cidade e o *hutong* dele existe pelo menos desde o século XIII, período inicial da Dinastia Ming, que construiu a Cidade Proibida e desde então a rua é conhecida por seus restaurantes. São daqueles pequenininhos, sujinhos, com uma cara de “a saúde pública nunca veio aqui em oito séculos”, mas o movimento é super divertido. Na esquina do prédio dele, havia um pregão de cambistas vendendo passagens para toda a China, mas a polícia desmobilizou as vendas por ora. [...] A estação de trem implica um movimento contínuo de gente, bolsas e os sotaques mais improváveis pelas ruas. [...] Todas as manhãs (às 06:00) eu acordava com sinos tocando. No segundo dia perguntei ao André: “O que é isso? Parece sino de igreja!”

“Os sinos da estação tocam *O Oriente é Vermelho* de hora em hora das seis às onze da manhã”, ele disse. “Bom, e é um sino de igreja. Só que de outra igreja, a sua!”, completou.

“Nem vem, eu sou marxista, não membro do PCCh, o que é bem diferente! E de mais a mais, o oriente não anda nada vermelho...”, respondi.

[...]

A semana passou rápido, alternando trabalho e horas de sono picadas nos horários mais esquisitos. Até sábado eu estava dormindo e acordando absolutamente perdida e morta de cansaço. Foi só aí que eu saí de casa à noite para passear pela primeira vez desde a ida à delegacia, quando fui andar pela cidade para tentar driblar o sono. O registro [na delegacia], aliás, foi super engraçado, com o “projeto de sinóloga” aqui toda feliz de ter um livro de registro de residência nas mãos pela primeira vez e com o André tentando enrolar a moça da delegacia porque faltava um papel do apartamento dele. Não deu certo e ele ficou tentando pensar em alternativas. Eu expliquei para ele que nenhuma seria viável, precisávamos do papel. Se eu estivesse em um hotel, que era a mentira que ele queria contar na delegacia para facilitar o meu registro, eu não precisaria ir à delegacia, expliquei para ele. Os hotéis estão ligados ao sistema central do *Hukou* (o sistema de registro de residência chinês) e quando eu tivesse feito o check-in, automaticamente [seria feito o] registro na delegacia de *hukou* mais próxima. Isso não iria dar certo, reforcei. André ficou me olhando e eu disse: “[...] eu estudei muito esse raio desse sistema para não saber disso. Nossa única chance teria sido descobrir o problema antes de falar com a moça. Agora ou achamos o papel ou teremos que arranjar outra pessoa para me registrar”. Depois de chegar na China, qualquer estrangeiro tem 24 horas para fazer seu registro na delegacia de *hukou* responsável pela região onde estiver. No fim, André achou o papel com o primo e fui registrada, [...] fazendo mil perguntas à policial. Na primeira vez que fiz o registro [em 2009], ainda não sabia direito o que ele era. André disse que eu era a *laowai* (estrangeira) mais feliz com a obrigação de fazer registro que existia. Nem era verdade, era porque eu também era uma migrante fazendo registro, como aqueles milhões de chineses sobre os quais eu escrevi, ainda que obviamente a minha situação e a deles não fosse a mesma.

O domingo seguinte foi de reencontro com o Qi Hao, na Universidade do Povo¹. Para aqueles que não leram a primeira “edição” das crônicas, Hao se tornou um dos meus principais interlocutores depois que nos conhecemos na minha segunda semana aqui em Beijing, no final de 2009. Ele era, na época, orientando do professor Zhang, do departamento de economia política da Universidade de Renmin, cujo contato eu obtive com o Costa Lapavitsas, de SOAS. [...] Qi Hao também é, dentre os marxistas que eu conheci aqui, sem dúvida um dos mais arejados, ainda que o fato de [ele ser] um marxista chinês tenha uma marca muito forte na leitura que ele faz do Marx. Eu prontamente me ofereci para viajar com ele durante

¹ Conhecida internacionalmente como Renmin University of China [N.E.].

o trabalho de campo. Tenho certeza que seria fantástico. Ele disse que gostaria muito, mas que em alguns casos isso seria impraticável. Ele vai entrevistar antigos dirigentes locais do partido, trabalhadores demitidos de estatais e “sindicalistas” chineses (as aspas estão aqui porque alguns destes sindicatos são paralelos e organizações que não podem se afirmar, ou não querem, como tais). Hao é membro do PCCh, mas discutimos abertamente as questões relacionadas com o partido e a política chinesa. “Eu não poderia te levar. Alguns deles só vão falar comigo porque eu conheço alguém que me conseguiu os contatos e assegurou que eu não revelaria nomes e coisas assim. Eu não posso chegar lá com uma ocidental”, disse ele.

[...]

Hao queria saber da minha opinião sobre a queda do Bo Xilai, que era o prefeito da municipalidade de Chongqing, no centro da China. As municipalidades tem status de província e são dirigidas diretamente pelo governo central. Bo estava abertamente em campanha para conseguir uma das vagas entre os poderosos do politburo chinês (os “nove”, como são conhecidos aqui), disputando a cadeira com o atual governador de Guangdong, a locomotiva do crescimento chinês, como se diz aqui, onde ficam as zonas econômicas especiais e onde começaram as reformas [...]. Bo é identificado com a ala à esquerda do partido e o governador de Guangdong com a ala mais neoliberal, do grupo do Wen Jiabao, atual primeiro ministro. Bo caiu, sem dúvida nenhuma, por suas supostas (grifo no supostas) políticas e posicionamentos esquerdistas. Ele propunha um “resgate” do Mao [Zedong], coisa que, devo dizer, encontra muito eco neste país, especialmente no centro e nordeste do país e nas zonas rurais de um modo geral.

“O que você acha dele?”, me perguntou Hao.

“Chongqing é a atual ponta de lança do processo de privatização de terras na China. As zonas de processamento e desenvolvimento por lá significaram a expropriação de milhões de camponeses e o projeto de transformar Chongqing na plataforma de desenvolvimento do ocidente chinês (a região mais pobre do país) trouxe recursos e também a financeirização acelerada desse processo. Os direitos de uso da terra se tornaram ativos vendidos num banco constituído pelo governo da municipalidade. Se isso é a esquerda, eu não sei o que é direita. Você sabe muito bem que na minha opinião, talvez a maior batalha travada hoje nesse país seja no campo. O processo de expropriação avança rapidamente, e os camponeses são simplesmente despejados, via conversão de terras, cessão de direitos para empresas e coisas do gênero. Você mesmo me mandou os vídeos dos camponeses desesperados ateando fogo aos próprios corpos pelo simples fato de que eles não tinham mais o que fazer ou a quem recorrer. Eu fui ver a fila dos peticionários (pessoas [...] que vem a Beijing trazer seus pedidos e reclamações das administrações locais ao governo central) no centro de Beijing e eles são ba-

sicamente camponeses. Não dá, para mim o uso que o Bo fazia do Mao era uma peça de propaganda, que funcionava bem, devo dizer”.

“Paula, eu concordo com tudo o que você disse, eu tenho colegas que estudam exatamente isso, como você sabe. Mas Chongqing era o único lugar na China onde as indenizações eram habitualmente pagas aos camponeses”.

“E isso é ser de esquerda? Isso é a esquerda do PCCh?”

“Não, Paula, o que ainda resta de esquerda no PCCh e na China não está governando coisa nenhuma, mas o grupo do Bo era identificado como de esquerda porque eles ainda respeitavam minimamente os direitos dos camponeses e na atual circunstância, na China, isso é muito avançado, sim. A situação é muito difícil. Depois da queda do Bo, diversas publicações identificadas como de esquerda dentro e fora das universidades foram fechadas, o regime se fechou mais, o *Weibo* (twitter chinês) ficou uns dias fora do ar, a censura piorou, mais um monte de gente foi parar na cadeia, pelo menos para responder algumas perguntas, e só esse ano houve alguma distensão, mas não muita. E esse ano temos o congresso do partido, e agora nem meio de esquerda nem nada parecido vai estar entre os 9 (do politburo)”.

“Isso eu sei”, disse eu, “a direita mais articulada e especialmente o grupo do Wen obteve uma grande vitória, mas vamos combinar que estamos muito mal parados. A situação política aqui piorou sensivelmente desde o início de 2011 e a proximidade do congresso na minha opinião significa que as coisas vão piorar no segundo semestre. Graças às ‘medidas de segurança’ preparatórias”.

“Vão sim, o prognóstico não é nada bom”, disse o meu amigo.

Essa conversa aconteceu duas semanas depois que cheguei em Beijing. Quase dois meses depois, essa semana, eu traduzi notícias² sobre o cinturão de segurança, especialmente em Beijing. [...]

No final do meu primeiro mês aqui fui a um seminário da pesquisa do pós-doc na Universidade de Renmin [...]. Durante a tarde, cada um dos doutorandos e pós-doutorandos falou de sua pesquisa e do andamento delas. Eu depois abordei uns cinco deles para conversar. Estudos sobre camponeses durante a revolução cultural, a expropriação de terras, o impacto das reformas na economia de certas províncias, tudo me interessava. [...] Uma das coisas que eu achei mais interessantes foi a fala de uma camponesa que é dirigente de uma cooperativa de mulheres *nos cafundós* do centro da China. Rendeu um debate muito legal sobre o desmonte da reforma agrária por aqui e sobre o crescimento das grandes corporações no campo. Fiquei com vontade de visitar a cooperativa e claro que me convidei para ir lá.

Outro tema que tem a ver inclusive com coisas que eu já escrevi diz respeito

² Paula Nabuco trabalhou como tradutora na *Xinhua* (ou Nova China), agência de notícias oficial do governo chinês [N.E.].

ao uso de fertilizantes e aumento da produtividade por aqui. Soube pelo pessoal que sim, usa-se muito fertilizante e tem a coisa toda das cidades do câncer (na província de Gansu, a mais pobre do país no noroeste para onde eu quero muito ir, tem cidade com incidência absurda de câncer e por isso o nome). Mas o que eu achei muito doido foi que os camponeses em muitas regiões, pressionados pela questão da produtividade, usam fertilizantes loucamente, mas no que eles vão vender, na comida deles, *nãñninãñão!* Isso aqui tem até nome: “uma família, dois cultivos”. Sei que nenhum de nós (eu e os camponeses) descobriu a roda, mas eu não esperava, até pela estrutura de divisão de terras dos vilarejos, que algo assim pudesse ser factível e tão disseminado, há muitos constrangimentos.

No seminário, fiz amizade com uma chinesa muito simpática chamada Ping que se prontificou a me ajudar por aqui. E ela tem sido tudo de bom, essa semana fui com ela entrevistar trabalhadores migrantes da construção civil no oeste da cidade, o que foi muito legal. No próximo final de semana vou com ela levantar dados e fazer entrevistas na associação de trabalhadores migrantes de Beijing. Eles mantêm uma escola para os filhos dos migrantes que não têm direito a frequentar a escola na cidade por causa do *hukou*, têm um museu, documentos e fazem diversas outras atividades. E ela me convidou para viajar com ela para Datong, que é uma cidade histórica bem famosa, na província de Shanxi aqui do lado, que tem uns budas muito antigos esculpidos em cavernas e pedras com até modestos cinco ou seis metros de altura. São milhares deles. A cidade também é famosa por outros dois motivos: [pelos] templos de mais de mil anos no alto das montanhas, feitos de madeira. Me dá vertigem só de olhar as fotos (mas vou tentar superar meu pânico e subir); e pela poluição. Datong, assim como a província toda de Shanxi que é a principal produtora de carvão da China, é conhecida pelo ar absolutamente insalubre (e pensem que quase 70% da matriz energética chinesa é carvão).

[...]

Um assunto que mobilizou muito a opinião pública aqui e a imprensa internacional foi um caso de aborto forçado de uma mulher grávida de sete meses. Por causa da política de filho único se a mulher engravida pela segunda vez a família tem que pagar multa, se não puder pagar (a multa é alta), a mulher e muitas vezes os familiares vão parar na cadeia. Mas é muito comum que os funcionários locais (no campo, especialmente) obriguem as mulheres a abortar para manter a taxa de crescimento estipulada pela comissão nacional de planejamento familiar. No caso desta mulher, que tentou fugir, os funcionários prenderam toda a família para forçá-la a voltar e quando ela voltou a obrigaram a abortar. Na China o aborto é legal até o sexto mês de gravidez e por conta da política de filho único as mulheres passam por checagens sistemáticas (escrevi muito sobre isso na tese). Eu mesma, quando cheguei aqui, tive que fazer uma ultrassonografia para que o governo chinês tivesse certeza que eu não estava grávida. Exame vindo do

Brasil não servia. Claro que são as mulheres pobres e do campo que passam de forma mais sistemática por isso. Nas grandes cidades, a multa, apesar de alta, não é impagável como no campo e nem os funcionários tem tanta “liberdade” para prender a mulher, a família e ainda forçar o aborto, ainda que isso também aconteça. As fotos da chinesa, com o feto morto do lado na cama eram dureza de olhar. Eu acho o máximo o fato de nesse país aborto ser uma coisa tranquila, não ter esse debate de espírito, Deus, natal, páscoa, nadinha, nadinha disso, mas aborto forçado generalizado, pra pobre, pra camponesa, isso dói!

[...]

Uma coisa que tem sido muito *braba* por aqui são os desastres naturais. Além das enchentes que atingiram Beijing e diversas outras províncias, a China tem enfrentado uma série de tufões no sul e leste do país. Nos últimos dez dias foram três. Cada notícia que aparece sobre um tufão desse ou enchente, significa centenas de mortos e centenas de milhares de desabrigados. No mínimo, tem sido um verão bem complicado. No dia da enchente mais forte aqui em Beijing eu saí de casa [...] quando a chuva deu uma folga [...]. Logo depois do almoço a chuva piorou de um jeito que só foi possível sair da casa dela por volta das onze da noite. Eu nunca tinha visto Beijing assim. A cidade é absolutamente plana e no centro o sistema de drenagem funcionou relativamente bem, mesmo assim as ruas eram a encarnação do caos, os carros não conseguiam passar, os táxis tinham sumido, os ônibus eram escassos (até porque eles param de circular por volta das dez ou onze da noite aqui) e tinha uma quantidade enorme de gente na rua. Me senti no Rio de Janeiro durante o verão. Foi a pior chuva em 66 anos. Só que Beijing é seca, muito seca, mesmo no verão é difícil ver chuva aqui [...]. No dia seguinte, descobrimos que muita gente tinha morrido e que a previsão era de que as coisas piorariam neste verão. Aqui não teve mais chuva como aquela, mas partes do leste da China têm ficado sistematicamente embaixo d’água. O preço da comida subiu e tem dezenas de milhões de desabrigados país afora. A previsão para essa semana era que um dos tufões iria atingir Shanghai. Nem preciso dizer que as enchentes são mais severas nos lugares mais pobres onde a drenagem é ruim ou inexistente. Muito triste. Teve prefeito caindo ou entregando o cargo por conta disso, mas não é isso que vai resolver as coisas.